

Entrevistado: Affonso Heliodoro dos Santos

Entrevistadora: Isabella Verdolin Neves

Isabella Verdolin Neves: Nome completo e local de nascimento e me conta como era a cidade que o senhor nasceu?

Affonso Heliodoro dos Santos: Vai ser um problema.

Isabella Verdolin Neves: É?

Affonso Heliodoro dos Santos: Eu nasci no dia 16, fui registrado no dia 17, e comemoro no dia 18, então são 3 dias.

Isabella Verdolin Neves: O senhor pode escolher qual data.

Affonso Heliodoro dos Santos: Ficou 18 porque eu nasci no dia aquele negócio que o pessoal vem com ramo...domingo de ramos, eu nasci no domingo de ramos, e, é uma festa móvel da Igreja, então o domingo de ramos do ano que eu nasci foi dia 16, mas, no primeiro ano foi dia 18, mamãe então em vez de comemorar no dia, comemorou no domingo de ramos, e aí ficou 18. 18 a vida inteira e eu só fui descobrir isso que eu já na Presidência da República, eu fui para New Jersey, eu não era eu, meu pai não tinha aquele nome, minha mãe era... Certidões completamente atrapalhadas, foi uma luta danada, mas isso já passou. Então podemos começar?

Isabella Verdolin Neves: Podemos.

Affonso Heliodoro dos Santos: Já estamos gravando?

Isabella Verdolin Neves: Está gravando.

Affonso Heliodoro dos Santos: Já?

Isabella Verdolin Neves: Já, sou rápida.

Affonso Heliodoro dos Santos: Você não me falou nada.

Isabella Verdolin Neves: Mas já tá ligado aqui, então vamos lá. Fala seu nome completo.

Affonso Heliodoro dos Santos: Bem, eu sou Affonso Heliodoro dos Santos, nasci em Diamantina, na Rua da Glória, no dia 16 de abril, no ano de 1916.

Isabella Verdolin Neves: E o senhor ficou em Diamantina...

Affonso Heliodoro dos Santos: Eu fiquei em Diamantina até o meu pai morrer, em 1923, no dia do meu aniversário, dia 16 de abril, de 1923, ele morreu, mas nós ficamos em Diamantina, então, viúva naquele tempo, você sabe. Hoje as viúvas são amparadas bem mais, bem melhor que naquele tempo. Naquele tempo, nós tínhamos uma força pública, um sistema de assistência às viúvas, mas que era uma coisa meio demorada, então aquilo demorou aí, em termo de 2 anos, para que mamãe começasse a receber a pensão deixada por papai. Então, a gente que tinha uma vida de classe média mais alta, ficamos na pobreza, inteiramente na pobreza, porque mamãe ficou sem recurso. Então nós tínhamos, vendeu a casinha que tinha, começou a vender o relógio do meu pai, vende as coisas, para manter a família. Depois tinha um barracãozinho vendendo na esquina, mudamos para esse barracão, então minha luta começou muito cedo, aos 7 anos começou a minha luta. E eu fui aluno do grupo escolar de Diamantina, do grupo escolar Mata Machado, e eu fui aluno da mestra Júlia Kubitschek, a dona Júlia foi minha professora no

primeiro, era primeiro, primeiro adiantado, segundo ano, fui aluno dela nesse tempo, mas não tive o contato com Juscelino, porque Juscelino era 14 anos mais velho do que eu, e 14 anos nessa fase forma uma diferença muito grande, depois empata tudo né? Nós então, quer dizer, minha vida foi assim, meu princípio de vida foi esse, foi uma luta para sobreviver, porque com a morte de papai, nós caímos numa situação, até que mamãe começasse a receber a pensão, e era o seguinte, como papai estava em diligência, ele além do vencimento, do ordenado que ele ganhava ainda uma gratificação grande, as diárias de então, o vencimento ficava mais do que dobrado, e com a morte dele acabou tudo, e mamãe ficou sem nada. Só foi receber, já depois, mais ou menos, 2 anos, metade do que papai recebia quando estava no quartel, não era nem a metade do que ele recebia quando estava em diligência. Então foi um sofrimento, foi uma luta grande, mamãe conseguiu educar, ela ficou com 7 filhos menores, conseguiu, graças à Deus, educar todos nós, dar uma educação média, não pôde dar curso superior para ninguém. Eu fui fazer curso superior depois de adulto, mas sempre trabalhei, comecei a trabalhar muito cedo, e, só parei de trabalhar, só vou parar de trabalhar quando morrer, porque estou com meus quase 96, faço agora, daqui a 4 meses, se fizer, faço 96, porque a gente não sabe né? Chegou nos 90 você não sabe até onde é que vai. Devo fazer 96 daqui a 4 meses, e, continuo trabalhando, não tiro férias, não gosto de férias, sou contra esta vagabundagem que o governo estabeleceu para a juventude, proibiu de trabalhar, o trabalho não faz mal à ninguém, é um crime que se comete contra essa juventude, porque os meninos que tem poder aquisitivo, que são ricos, eles vão para escola, não trabalha mas vai para escola, e o pobre? Que não tem emprego e não tem salário? Vai para o crime. Então você vê o seguinte, a criminalidade hoje é uma coisa bárbara, aqui no Brasil, porque, você vê em Brasília, uma coisa horrorosa, o número de assassinatos que você vê é um negócio, porque, o número de droga, de drogado, é um negócio também, não tem o que fazer, não tem escola porque precisam passar de ano, não podem trabalhar porque a lei não permite, então vão para o crime, para a vagabundagem, entendeu? Sou visceralmente contra isso, e se algum dia eu tiver com uma voz que seja ouvida por alguém eu vou gritar “Para com essa pouca vergonha de deixar, menino tem que trabalhar”. Eu comecei a trabalhar com 7 anos de idade, estou com 90, quase 96 anos, continuo trabalhando sem tirar férias, não tiro férias para nada, para quê férias? Férias é muito bom quando você gosta muito de passear e eu não gosto muito de passear, eu gosto mais de trabalhar. Então eu acho que as férias são necessárias, não no meu caso, mas as pessoas precisam gozar suas férias né? Quem trabalha honestamente chega um momento que está cansado, precisa de um tempero, de um retempeiro né? Então eu não gosto de férias, eu gosto de trabalhar.

Isabella Verdolin Neves: E como é que o senhor veio para cá, para Brasília?

Affonso Heliodoro dos Santos: Bom, eu vim inicialmente com o Presidente Juscelino né, eu fui chefe do gabinete militar dele no governo de Minas, e fui sub-chefe do gabinete civil na Presidência da República. Então quando ele foi para o Rio eu fui também, fui para terceira sub-chefia no gabinete civil, já fui como civil, e depois continuei com ele e toda ocasião de Brasília eu participei desde as primeiras viagens que ele fez, o pessoal falava: “Ah, Brasília, papapa...” Brasília já estava na cabeça do presidente Juscelino há muito tempo, em 1952, tanto ele quanto Israel Pinheiro, propuseram a mudança da capital, o Juscelino propunha para o Triângulo Mineiro, e o

Israel para Paracatu, 52, não teve consequência porque, não houve interesse. Então Juscelino desde 52 que ele via a necessidade de ocupar esse território imenso que é isso aqui, que é até uma oportunidade boa porque, são 6 milhões e 500 mil km² de Brasil, que eram desérticos, enorme o passarinho, que eram desérticos, e, vem voando é que cê vê o tamanho dele,(ruído externo - pássaro). Tá lá na goiabeira...

Isabella Verdolin Neves: É, não...

Affonso Heliodoro dos Santos: Mas então,é, 6 milhões e 500 mil...tem alguém aí?

Isabella Verdolin Neves: Não.

Affonso Heliodoro dos Santos: 6 milhões e 500 mil km² aqui, inteiramente desértico com meio habitante por quilômetro quadrado, enquanto no litoral você tinha 60 milhões de brasileiros, já comprimidos ali naquela área, à beira-mar, naturalmente, mas, e sem pretender, e sem fazer a mudança, porque o carioca, até hoje não gosta muito do Juscelino porque ele tirou a capital de lá, mas era necessário. Eu vejo hoje, o quê que está ocorrendo hoje? Hoje nós somos os maiores produtores de grãos e de gado, do mundo! Graças ao Juscelino, ninguém fala isso. Graças ao Juscelino que trouxe Brasília pra cá, para ocupar o centro-oeste, que isso aqui, é como eu dizia inicialmente, eram 6 milhões e 500 mil km² de Brasil com meio habitante por km², era um deserto, Brasília trouxe a civilização e o progresso para essa região, e o brasileiro que é formidável, um povo fantástico, a despeito do desinteresse dos governos que vieram depois, de ocupar essa região aqui, o brasileiro produtor de grão e gado veio e ocupou. Então o que está ocorrendo hoje, 50 e tantos anos depois, está ocorrendo hoje, quer dizer, o Brasil é o maior produtor de grãos e gado do mundo, graças ao Juscelino que trouxe Brasília pra cá, para ocupar essa região, e é uma história desconhecida, ninguém falava nisso, hoje, se o Juscelino tivesse voltado em 65, que foi criminosamente cassado e assassinado, pela economia medíocre, pela economia americana, porque o americano não tolerava aquele, é, é, as pessoas não sabem, o americano fabrica automóvel, avião, tudo bem, fabrica tudo isso, e fabrica aqui tudo isso que é muito bom, porque nos traz emprego, traz dinheiro, é muito bom, progresso, muito bem, mas, o lucro vai pra lá, para os Estados Unidos. Agora o grão não, o grão que você finca no chão é individual, é o plantador que planta, e, não tem participação de coisa nenhuma, então esse dinheiro é sagrado para o americano, ele não abre mão disso, ele abastece todos os estômagos do mundo com a sua agricultura. Então quando Juscelino falou em fazer agricultura em, tudo, é, agricultura, automóvel, fazer avião, pode, agricultura não. E deu no que deu. Em 65,veio o golpe em 64, e cassa o mandato dele, em seguida ele é assassinado barbaramente aí na estrada São Paulo - Rio de Janeiro. Ele com a passagem de avião no bolso, recebe um telefonema de madrugada, eu não sei de quem, e esse telefonema muda de modo geral o trajeto verdadeiro do carro, e ele morreu com a passagem de avião no bolso, entendeu? Segundo consta, um encontro no hotel, onde lá almoçou, e quando saiu dali o carro dele tá explodido. Então, é, isso até hoje não está 100% esclarecido porque os inquéritos foram feitos à revelia da gente, foram feitos de qualquer maneira. Então eu acho que sai do assunto que você queria né?

Isabella Verdolin Neves: Não, pode, pode seguir, (risos).

Affonso Heliodoro dos Santos: Porque nós estamos falando de, de, de, de...

Isabella Verdolin Neves: Da, da vinda...

Affonso Heliodoro dos Santos: De, de mãe com os filhos né? Olha onde é que nós já chegamos aqui, já chegamos aqui...

Isabella Verdolin Neves: Mas é assim mesmo (risos).

Affonso Heliodoro dos Santos: Mas então...

Isabella Verdolin Neves: E aqui para Brasília, o senhor estava falando que em 52 Juscelino já tinha a ideia de vir pra cá, de ter Brasília, estava estudando Brasília em algum lugar...

Affonso Heliodoro dos Santos: Mas então, deixa eu terminar aquele pensamento...

Isabella Verdolin Neves: Isso.

Affonso Heliodoro dos Santos: Que fugiu do pensamento. Então, em 52 nós viemos aqui, 52, no governo de Minas, nós viajamos o Brasil inteiro, onde ele ficou mais tempo foi aqui, aqui no centro-oeste, nós ficamos 5 dias aqui, hospedado no Palácio do Governador, e o Juscelino visitando esta área aqui, índio, cachoeira, não sei o quê e tal e ele andando por aqui, e eu falei: “O quê esse homem quer fazer nesse meio do mato aqui?”. Ficamos 5 dias aqui, quando veio embora e, não se falou nada, mas ele tinha a mudança na cabeça desde 52, e o que ele veio fazer aqui, porque que ele veio fazer o comício aqui no interior de Goiânia, uma cidade pequena, porque aí o prefeito da cidade era amigo dele, do tempo da faculdade de medicina, era “psedista” também, então acertaram, ele veio fazer o comício, para que fosse questionado aqui, porque se ele fazia isso no reino, em Belo Horizonte, não era a mesma coisa, aqui não, aqui todo mundo quase todo mundo era PSD, o prefeito era PSD, e tinha então a oportunidade de alguém questioná-lo sobre a mudança da capital. E fez a pergunta e ele respondeu e, estamos morando aqui hoje graças à essa pergunta, que foi feita oportunamente, mas já veio ser buscada, Juscelino veio buscar a pergunta aqui porque tinha já todos os programas para a mudança da capital na cabeça, tudo na cabeça, tudo pronto. Ele era um homem que trabalhava 24 horas por dia, Juscelino dormia muito pouco, levantava muito cedo, às 6h da manhã já estava de pé, e sempre depois de meia-noite que ele ia dormir, sempre depois de meia-noite, nunca antes. Então quando ele veio, quando ele foi para a presidência da República ele já levou o plano da transferência da capital, por isso que ele teve coragem de enfrentar a opinião pública, enfrentar a UDN, a opinião pública do Rio de Janeiro, enfrentar a UDN e os partidos de oposição, enfrentar todo mundo para vir para o deserto, mas ele fez. Então, na história do mundo, eu tenho a impressão que a única capital que foi construída a mais de mil quilômetros dos centros desenvolvidos do país em 3 anos foi, Brasília né? Brasília foi um milagre, uma cidade moderníssima, tanto assim que é patrimônio cultural da humanidade, construída em 3 anos, no deserto, só um homem com a competência, a coragem, as qualidades de administrador do Juscelino conseguiria fazer isso aqui. Não sei se eu estou saindo do que você quer...

Isabella Verdolin Neves: Não, tá, fantástico. Como que o senhor é, a sua primeira vinda para Brasília, qual foi a sua primeira impressão?

Affonso Heliodoro dos Santos: Achei que não ia fazer. Que o negócio aqui era tanto mato, tanto mato, tanto bicho, tanta coisa, e tanta distância né, quilômetros, tudo muito longe, “Meus Deus, como é que vai ser?” Sem estrada, mas olha, quando eu fico vendo o seguinte, é, você me provocou agora para falar uma coisa que...o único governante na história do Brasil desde o descobrimento até hoje que teve um programa de metas foi

Juscelino, mais nenhum, nenhum, então todos falavam: “Vou fazer escola, vou fazer estrada”, mas não fala onde, não fala quando, não fala como, não fala quanto vai custar, não fala quando vai ficar pronto. Juscelino não. Ele falava “vou fazer tais coisas que ficarão prontas em tais datas e custarão tanto, entendeu? E Deus é que sabe, se o sujeito não desse a obra no dia certo, ele ia lá, demitia o camarada e punha outro, o que aconteceu aqui na Barragem do Paranoá, o que aconteceu na barragem lá de Belo Horizonte, que foi até interessante, que eu tinha de certa forma um controle sobre as metas, eu tinha exatamente para mantê-lo informado, e eu vim à Belo Horizonte que ele ia inaugurar a barragem da Pampulha, em 31 de janeiro, e eu cheguei lá a barragem estava com atraso, o engenheiro me falou: “Está faltando verba”, e eu não vi que tava faltando, deixei, falar com o presidente, tá faltando verba, disse: “O senhor não vai inaugurar em 31, não está pronto”. “Uai, por que?”. Eu falei: “Está faltando verba uai, não dá para fazer”. Ele ligou para o Sebastião Paes de Almeida, que era o ministro da fazenda, “Sebastião, arranja o dinheiro de qualquer jeito e manda para completar isso.” O estilo do Juscelino era esse né, dar ordem por telefone. Sebastião arranjou o dinheiro e no dia seguinte, às 6 horas da manhã, 6 e pouca da manhã, ele pega o telefone e liga para esse engenheiro: “Dr. Fulano de tal, o Sr., eu não tenho fama como engenheiro de barragem no mundo inteiro como o Sr. tem. Se o Sr. não me entregar esta barragem pronta no dia 31 para inaugurar, eu o demito por incompetência.” Pá, bateu o telefone. Dia 31 inauguramos lá em Belo Horizonte bonitinho. Era um homem que acompanhava tudo que estava fazendo, tinha sempre alguém, é, no meu gabinete tinha serviço de verificação das metas econômicas do governo, só para olhar se a coisa estava em dia, se as verbas estavam em dia, entendeu? Então, não teve mais nenhum governante que fizesse isso, nem antes dele, nem depois. Nenhum governante teve um programa, vou fazer...afinal de contas vou lhe mostrar o programa aqui, tantos quilômetros de estrada em tais e tais lugares, ele cortou o Brasil inteiro de estrada, inteiro, inclusive, foi fazer lá no Acre, cuja finalidade era levar a produção agrícola daqui para o Pacífico, e aí que foi a razão da, com a indústria naval em pleno vigor, em pleno funcionamento, e os navios passavam daqui e a produção daqui do centro oeste ia, para o Pacífico, tomar o mercado americano, aí o americano falou: “Esse cara não pode, temos que dar jeito nele”.

Isabella Verdolin Neves: E as estradas que ele fez são as que tem até hoje né?

Affonso Heliodoro dos Santos: Hein?

Isabella Verdolin Neves: As estradas que ele fez são as que tem até hoje...

Affonso Heliodoro dos Santos: É...

Isabella Verdolin Neves: Mal dão conta de manter, de dar a manutenção, quanto mais fazer outra...

Affonso Heliodoro dos Santos: Ele fez, ele fez, é, 24 mil quilômetros de estrada de rodagem, não é brincadeira...

Isabella Verdolin Neves: Não é brincadeira não... e aí, depois que vocês vieram pra cá e viram aquele monte de poeira e de mato?

Affonso Heliodoro dos Santos: Bom, é aquilo que eu te falei, a gente não acreditava muito não, muito embora a gente soubesse da capacidade, da competência e da liderança do Juscelino, e da qualidade do Israel Pinheiro, Israel também era uma figura extraordinária, um pouco esquecido, mas o Israel foi fundamental, se não fosse o Israel,

Brasília não sairia, Israel era engenheiro, competente, inclusive quando ele terminou o curso dele ele teve um prêmio em Paris, pela qualidade de aluno que ele foi, e era um grande amigo do Juscelino. Deve-se muito a Israel a presteza da construção e a qualidade da construção, é, você vê, as coisas de Brasília, 50 anos e estão aí ainda, tudo aí, as coisas feitas depois nem tanto né? Elas estão aí, evidentemente com um desgaste natural pelo tempo, mas está tudo em pé, não tem nada caindo aí. Então o Juscelino foi uma figura, uma figura, que agora é interessante porque ele foi morto, ainda na vigência do golpe de 64, e eles já cassaram, já perseguiram, já estavam perseguindo já, foi muito perseguido, mas covardemente perseguido, principalmente por oficiais da aeronáutica que o maltrataram muito e tal, ele, um homem com as qualidades dele. Interrogaram horas e horas a fio num cubículo, um tenente, um sargento, interrogando horas, horas, horas a fio, depois foi levado para um lugar, adoeceu, um lugar que ninguém podia ir, foi uma perseguição terrível a um homem que não fez mal à ninguém. Juscelino nunca prendeu ninguém, nunca aconteceu, nunca, ele teve todo poder na mão, foi prefeito, foi governador, foi presidente da República, jamais perseguiu alguém, jamais deixou de atender uma pessoa, eu não entendo porque esse ódio, esse ódio contra o Juscelino, dos homens que fizeram o golpe em 64, eu não entendo. Eu só posso entender se levar isso para o campo internacional, como eu já falei, aí sim, quer dizer, mas não é, então, mal brasileiro, mal orientado, perseguido, a grande figura, a enorme figura, a exponencial figura brasileira que foi Juscelino Kubitschek.

Isabella Verdolin Neves: É, isso faz sentido. Acho que é a primeira vez que eu escuto uma história que faz sentido sobre isso, e olha que eu já conversei com gente realmente. Aqui em Brasília o Juscelino ficava mais no Catetinho né, enquanto estava sendo construído e o senhor ficava aonde?

Affonso Heliodoro dos Santos: Não, ia todo mundo para o Catetinho.

Isabella Verdolin Neves: Ficava todo mundo lá?

Affonso Heliodoro dos Santos: Porque quando vinha com ele, vinha dentro do avião, avião pequeno, inicialmente, depois criou o Dedicart aí melhorou, Dedicart não, como é que chamava o avião? É, quando, quando veio o... Não estou lembrado agora não, foi o avião a jato né?

Isabella Verdolin Neves: Hum, hum.

Affonso Heliodoro dos Santos: O avião a jato, aí vinha mais gente e tal, inclusive a gente, no meu gabinete, a minha mulher, ela era encarregada de fazer exatamente, é... propiciar às pessoas interessadas e interessantes visitas à Brasília, senado, câmara, associação comercial, essa coisa, ela que organizava e controlava essa coisa. Então eu até me perdi.

Isabella Verdolin Neves: Eu vou perguntar uma outra coisa agora que é assim: quando vocês estabeleceram Brasília foi inaugurada...

Affonso Heliodoro dos Santos: Ah, não, você queria, queria saber como é que Juscelino...a gente se arranjava aqui da seguinte maneira...

Isabella Verdolin Neves: Hum...

Affonso Heliodoro dos Santos: Eu já fiquei morando num apartamento qualquer aí, sai...isso já Brasília inaugurada hein? Já Brasília inaugurada. Você saía de manhã, primeiro antes de Brasília inaugurada, você passava por aqui, de manhã, quando você via

já não podia passar, já tinha um buraco, já tinha um monte de terra, porque a construção era tão rápida que você passava de manhã num caminho, quando você voltava já era um alicerce, já era um troço, já estava um muro levantado, negócio de louco, uma coisa de louco, e depois de Brasília inaugurada, ainda continuou algum tempo aqui na asa sul, na asa norte, antigamente era asa sul, tinha, estava recentemente pronta, ainda continuou aquela sensação da enormidade do céu de Brasília, da beleza do céu de Brasília, e dos horizontes fantásticos daqui de Brasília né, e depois aquela coisa de você não ter o mesmo caminho de manhã que tinha de tarde, era outro, porque tinha sempre uma obra, um buraco, uma pedra, era um negócio fantástico. Então Brasília foi um milagre, só um homem como Juscelino, com a capacidade de trabalho dele, com a liderança que ele tinha, seria capaz de fazer este grande benefício para o Brasil. Para você ver, hoje a economia nossa está tolhendo aí, os americanos e os europeus, lutando contra a nossa produção agrícola enquanto a nossa produção de gado, somos os maiores do mundo hoje, mas ninguém fala que é graças à Juscelino não, não tivesse Brasília, não tivesse o povoado do centro-oeste, isso aqui era o mesmo deserto de sempre. Para os americanos interessava que ficasse deserto, e combateram Brasília, e combateram Juscelino por causa disso.

Isabella Verdolin Neves: Depois que Brasília foi inaugurada e vocês vieram morar aqui, o quê tinha para fazer na cidade assim de lazer?

Affonso Heliodoro dos Santos: Não, eu nunca fui de fazer coisas fora do trabalho, sempre trabalhei muito, graças à Deus, graças à Deus, sempre trabalhei muito. A gente ia cedo para o palácio, a gente ia, 6 horas da manhã, estava com Juscelino, no banheiro, entendeu? Ele tomava banho, fazia a barba, a gente já começava no banheiro dele, tem até a carta dele aí que fala exatamente isso, eu vou mostrar para você depois, então, 6 horas, 6 horas e pouco eu já estava ali. Então os primeiros despachos eram comigo ali no banheiro, e, depois durante o dia, a gente vinha para o gabinete, eu tinha meu gabinete, e no gabinete assim como eu falei, eu tinha todo o expediente, todo o expediente do palácio passava pelo meu gabinete, todo, eram só 4 subchefias, hoje tem trezentas e não sei quantas, é um negócio para dar emprego, antigamente era um negócio para dar trabalho, hoje é para dar emprego, porque não é possível, você com 300 subchefias, subchefias não é mesmo? É um negócio meio assim, é do Lula isso, o Lula é que arranjou esse negócio aí. Talvez eu tenha razão, hoje posso estar defasado, atrasado, não estou sabendo que o mundo evoluiu e que precisa de tanta, tanta, Casa Civil tem que ter tanta gente. Nosso tempo eram 4 subchefias, a chefia, a chefia do gabinete civil e 4 subchefias, e eu era o chefe da terceira subchefia, então eu tinha no meu gabinete o ministério da agricultura, ministério do trabalho e DASP, e mais o serviço de verificação das metas econômicas, o serviço de verificação das metas, eram 2 serviços importantes, e o serviço de metas econômicas, eram 2 serviços, um que controlava as metas, e outro que controlava as verbas, entendeu? Então já tem tanto tempo que a cabeça já começa a falhar, nos meus 96 anos quase já dá para falhar, e, então, é, a gente acompanhava toda essa coisa das verbas, todo expediente que iria para lá ia para secretaria, lá distribuía para subchefia, para chefia e subchefia, depois tudo isso era recolhido no meu gabinete, entendeu? Era recolhido no meu gabinete. Todo expediente, e eu e Geraldo Carneiro, é que levávamos para o

presidente assinar. Até dispensa de trabalho era assinada pelo presidente. Então era um drama, eram caixas enormes, eram umas maletas desse tamanho assim, desse tamanho, mais ou menos, de couro, com o expediente ali. E eu tinha então no meu gabinete uma assessoria de cada ministério, até um dia aconteceu com Percival Barroso, uma coisa interessante, ele chegou lá: “Um correligionário meu está em cima de mim por causa de um negócio de um emprego de um menino aí, que tá, não sei o quê que tem.” Eu falei: “O quê que é?” “É isso assim, assim...”. Eu chamei a Ernestina que era encarregada dessa papeleira, falei “Ô Ernestina”, ela foi lá, mundo de mala, ela foi lá. Ele falou: “Puxa!”. O negócio era bem organizado viu? Aí eu peguei levei para o presidente, o presidente despachou, liguei, mandei publicar, morrendo de alegria. Mas era muito bem organizado esse troço, muito bem organizado, então dava para você atender as pessoas. Outra vez, o presidente do PTB, em São Paulo, a Ivete Vargas, tinha conseguido uma verba para fazer um hospital, e esse hospital foi controlado e tal, na hora de ficar pronto ela foi escolher as vagas de médico, essa coisa e tal, tudo foi ela que fez né, e veio o presidente do PTB de São Paulo exigir uns cargos, falei: “Não, o Sr. vai me desculpar, mas a Ivete, isso aqui é da Ivete, ela que arranjou verba, ela que fez e tal, então a gente tem que atender.” Ele foi, fez uma mal criação, eu fui botei ele para fora, do meu gabinete. Foi grosseiro comigo, fui incomodado, aqui dentro do meu gabinete não, falei com ele “Desaforo é lá fora”. Ele saiu, foi para o gabinete do Penido que era o chefe do gabinete, e foi falar com o presidente. Aí o presidente telefona e me chama: “Affonso Heliodoro dos Santos dá um pulo aqui.” Subi: “O quê foi isso aí?”. Falei: “Não presidente, quando eu vim para o Rio, para o Sr. eu tiro até a túnica, o paletó, para o Sr. pisar em cima, em cima de mim, mas só o Sr., mais ninguém. O que ele fez foi desaforo, foi mal educado comigo, grosseiro e eu também fui grosseiro com ele, mas não tem nada, mas isso não tem importância, não estou magoado.” Presidente falou, dá um jeito e tal...Resolveu o problema da Ivete, que ela que fez tudo que tem lá, e dei para ele o que ele tinha direito, entendeu? Então era um trabalho danado esse, que dá muito trabalho, muito problema, muito problema porque é verdade que a gente era respeitado porque era um trabalho muito bem feito, eu tinha uma assessoria de cada ministério, lá no meu gabinete, então de cada instituição, eu tinha um, tinha o DASP, praticamente funcionando dentro do meu gabinete, então era fácil você resolver esses problemas. E graças à Deus eu fiquei ali para contar essas coisas, porque é como eu te falei, do governo de Minas, do governo da prefeitura, morreu todo mundo, não tem notícia de mais ninguém, governo de Minas, eu não tenho notícia de ninguém, e da presidência da República, eu tenho impressão que, eu não vejo mais, ninguém de gabinete, acho que morreram todos também, e eu fiquei sobrando aí, estou doido para ir embora mas não me mandam de jeito nenhum, (risos).

Isabella Verdolin Neves: E eu espero que ainda segure o Sr. aqui muito tempo viu? Se depender da minha vontade o Sr. ainda fica aí quietinho...(risos).

Affonso Heliodoro dos Santos: Eu estou falando demais?

Isabella Verdolin Neves: Não, está ótimo. Nossa, Deus conserve (risos).Como é que o Sr. olha para Brasília hoje?

Affonso Heliodoro dos Santos: Como é que é?

Isabella Verdolin Neves: O Sr. olha para Brasília hoje...

Affonso Heliodoro dos Santos: Com muita preocupação, muita preocupação.

Isabella Verdolin Neves: Pois é...

Affonso Heliodoro dos Santos: Porque Brasília, o que aconteceu, Juscelino voltaria em 65, então viria para tomar conta de Brasília, não deixar que Brasília se desgovernasse, se desvirtuasse, deixasse de ser a capital, a capital que ele sonhou, uma capital que traria o progresso para o centro-oeste, uma capital administrativa, como tem o americano, americano tem Washington que é a capital, aquilo lá é intocável, aqui não, aqui fizeram um teatro mesmo, ocorreu a cassação do Juscelino, vieram os militares, os militares, desde que eu me entendo por gente eu ouço os militares falarem da mudança da capital para cá, na ocupação desta região, então, nesse sentido, foi muito bom porque, eles realmente trouxeram a capital, mantiveram a capital aqui, o Jânio Quadros fez tudo para tirar a capital daqui, o carioca fez tudo para tirar, o Lacerda fez tudo para tirar a capital daqui, mas felizmente, os militares nesse ponto são louváveis, porque não deixaram sair a capital daqui, também interessava a eles fugir do Rio de Janeiro, era movimento do estudante, movimento não sei de quê, aqui não tinha nada disso, era tranquilo. Então para o Brasil foi bom porque não mudou a capital, não devolveram, não voltou para o Rio, isso aqui ficaria uma cidade morta que é à mil quilômetros de tudo, ficaria morta, e estando aqui os cofres da República, o interesse todo vinha para cá né, é deputado, senador, todo mundo queria estar por aqui porque o dinheiro estava aqui para atender as reivindicações deles, da clientela, etc. Mas ocorre o seguinte, os militares não trouxeram para cá pessoas vinculadas à Brasília, vinculadas à eles, e não vinculadas, vinculadas ao golpe de 64, não vinculadas ao programa Juscelinista de transferência da capital para ocupação do centro-oeste, muito bem. Depois dos militares, nós tivemos aí o Roriz, ótima pessoa, me dou muito bem com ele e tal, mas o que nós temos hoje aqui, você vê toda noite, você pega as televisões, o que tem de gente sofrendo, tem gente demais, Brasília não podia ter esta quantidade de gente reivindicando coisas de Brasília, hospitais de Brasília, farmácia de Brasília, principalmente saúde, emprego. Se Brasília tivesse continuado apenas a capital administrativa e não a capital para dar emprego... O Roriz abriu isso aí para voto, ele queria voto, então, ele tem voto a beça, isso tudo aí praticamente foi ele que abriu as portas de Brasília, e criou assim, um problema danado, porque hoje Brasília, você vê, o transporte é insuficiente, o mercado é insuficiente, tudo aqui não é o ideal, você não vive o ideal, a cidade é uma delícia viver aqui, adoro Brasília, mas vejo os problemas de Brasília, eu não vivo mais esse problema porque eu não preciso de transporte, não preciso sair de casa para nada, eu tenho tudo aqui dentro de casa, mas quem precisa sofre muito. Quem precisa de hospital, de médico, de dentista, qualquer coisa dessas, precisa de assistência social, aqui tudo é deficiente, porque, Brasília cresceu demais, então eu vejo aqui de tarde, aqui nessa descida e nessa subida, de manhã, aquela procissão de empregadas, de tarde, a procissão de empregadas, e com essa lei agora de 8 horas de serviço, aquilo, é rigorosamente cumprido viu? 8 horas de serviço começa aqui e acaba aqui, acabou, você chega aqui está aquela procissão descendo ali, quer dizer, para ir, viajar de 40 minutos, 50 minutos, não sei quanto tempo, uma hora, duas horas, para ir para casa né, é um sofrimento danado. Então eu não sei, adoro Brasília, gosto de Brasília, não quero sair daqui, quero morrer em Brasília, e pretendo morrer breve. Pretender eu não pretendo, mas... (risos). De vez em quando eu

vejo ela dando adeus para mim... “Ah, estou vindo te buscar.” Eu falo: “Espera um pouco!”. Mas então, mas é uma pena você ver o que foi feito com Brasília né, Brasília não foi feita para ser uma megalópole, foi feita para ser uma cidade administrativa, com o governo funcionando aqui e, desenvolvendo esta região aqui do centro-oeste. Brasília foi feita para isso, mas o espírito de político de interior, foi de trazer essa pobreza para cá, que virou um problema. Cadê os hospitais, eles não dão conta, os laboratórios, nada dá conta.

Isabella Verdolin Neves: E aí vou perguntar o seguinte, tem alguma coisa que eu não perguntei que o Sr. quer acrescentar?

Affonso Heliodoro dos Santos: Não, eu acho que nós falamos de cabo a rabo né? Falamos, acho que você me perguntou tudo né? O que mais que eu podia falar?

Isabella Verdolin Neves: Hum...

Affonso Heliodoro dos Santos: Difícil é você que conviveu com o Juscelino, com o espírito do Juscelino, você vê o seguinte, o que há hoje no Brasil, são inquéritos, demissões, demissões de ministros, faltas graves né, se não fossem graves não seriam demitidos. Você vê um ministro aí chorando na televisão, aquela coisa, um negócio estranho, que eu não estou acostumado com isso, eu não vi isso; você está aqui, mas essa casa não é minha, eu não tenho nada em Brasília. No governo Figueiredo, eu tive uma ligação muito íntima com o governo Figueiredo porque o Figueiredo fez questão de fazer abertura política e inaugurando o memorial JK, a transferência dos restos mortais de Juscelino... O Figueiredo teve um enfarte lá no Instituto, lá no memorial, e, em função disso, eu fiquei muito ligado ao pessoal da casa militar, da casa civil, inclusive o chefe do gabinete me recebia na hora que eu chegava, ele podia estar com quem estivesse, a prioridade era para mim, porque o Figueiredo estava interessado em fazer realmente a abertura política, e, então, o general, Venturini senão me engano, tinha uns terrenos aqui e lotearam os terrenos e fizeram um loteamento lá, e eu entrei com eles, comprei por 2.300 cruzeiros, um lote, entendeu? E é o que eu tenho em Brasília, é o que eu tenho em Brasília. Eu estou fazendo uma casinha lá, tem 10 anos que eu estou fazendo essa casinha lá, que essa casa não é minha, essa casa é da minha mulher, entendeu? Nós somos casados com separação, isso aqui é dela, então eu moro aqui, com todo esse conforto que você tá vendo. A casa não é minha, se eu ficar viúvo vou ter que ir para lá, para o barracãozinho. Isso é bom, sabe por quê? Porque eu boto a cabeça no travesseiro e durmo tranquilo, nunca roubei nada de ninguém, tenho meu salário, meu emprego, trabalhei 30 anos para ter esse salário, então, eu vejo preso porque roubou outro, desmoralizado porque roubou, é uma tristeza isso. Juscelino, sou de um governo pobre, eu morei com ele em Paris, um mês, um mês e pouco, morei com ele em Paris, quando a dona Sara teve que voltar, porque a Márcia adoeceu, dona Sara teve que ir embora e pediu que eu ficasse com ele. Então eu fui morar com ele, fiquei, num apartamentozinho pequeno, 2 quartos, não tinha quarto de empregada, era 2 quartos, cozinha, sala de visita, sala de jantar, tudo coisinha pequena, um apartamentozinho de 2 quartos, eu morei com ele lá um mês e tanto nesse apartamento, e aqui a Cristiana Cavalcanti, e outros, o pessoal do Lacerda, 7ª fortuna do mundo, não sei o quê e tal, a porta que, ignorante, como aqui ainda não tinha essa porta que abre e fecha quando se pisa, lá já tinha isso, então, quando ele pisa, é a porta do Ali babá, ele chega, a porta se abre e ele entra, banheiro de ouro, é uma

cretinice, o homem pobre, pobre lá, e nós vivíamos contando centavos de dólar e ele não tinha dinheiro porque, cortaram tudo né, então o dinheiro dele era um amigo que mandava, outro que mandava, o Adilson mesmo levou dinheiro para ele e outras pessoas levaram dinheiro daqui para ele, eram os amigos que levavam, nem sempre desembarcando em Paris direto, desembarcava na Alemanha para depois ir, entendeu? Quer dizer, era uma perseguição, e depois, agora eu estou informado, não fiquei sabendo na época, eu sei que ele saiu meio apressado de Paris, porque nós saímos, até foi engraçado porque, uma semana antes da viagem eu falei: “Presidente, eu tenho 200 dólares, olha a riqueza, tenho 200 aqui, o Sr. vai me dar licença que eu vou passar, que eu não quero que eles morram, eu vou passar lá”. “Ah não, eu não vou ficar aqui sozinho de jeito nenhum, nós vamos junto, os dois juntos para o aeroporto, eu embarco e você embarca também.” Só que tem que nessa semana os 200 dólares desapareceram né, e então eu tive que vir direto, passei por Lisboa, dei adeusinho e vim embora, e ele então foi para Nova York, mas lá em Paris o Tregor, o general Tregor montou uma perseguição também danada em cima dele, e eu só fiquei sabendo depois, da perseguição, tinha vigia 24 hora por dia em frente a casa, em frente ao escritório dele, mas Juscelino nunca levantou uma palha para bater, para matar um mosquito, sujar aquela coisa, aquele aparato lá, porque, o governo militar que, o Tregor também militar, então fizeram essa...o Tregor eu tinha ele assim, em alta conta porque, herói da guerra, para mim cascou, fundo dos infernos...

Isabella Verdolin Neves: (risos)

Affonso Heliodoro dos Santos: Cachorro... (risos). Você ri?

Isabella Verdolin Neves: Isso que eu gosto, um depoimento sincero.

Affonso Heliodoro dos Santos: Mas o que eu vou falar? Ele já morreu, eu só posso desejar para ele o inferno.

Isabella Verdolin Neves: Muito bom, é isso.

Affonso Heliodoro dos Santos: Chega?

Isabella Verdolin Neves: O Sr. que sabe.

Affonso Heliodoro dos Santos: Não, eu estou por sua conta, eu tenho hoje ainda.

Isabella Verdolin Neves: Então eu vou parar aqui.

Affonso Heliodoro dos Santos: 7 horas eu tenho, eu tenho.

Isabella Verdolin Neves: Pois é, agora eu vou.